



*Porcelana
Europeia*

NA COLEÇÃO EMA KLABIN



Fundação

Ema Klabin

CASA • MUSEU

Porcelana Europeia

NA COLEÇÃO EMA KLABIN

de 1º de setembro a 16 de dezembro de 2018

Curadoria

PAULO DE FREITAS COSTA

imagem da capa:

Prato decorado com paisagem: Cabo Corfu, Grécia.

Fábrica de Porcelanas Coalport; Percy Simpson (pinturas).

Coalport, Inglaterra, c. 1910.

Porcelana policromada e dourada.

Fundação
Ema Klabin
C A S A • M U S E U

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Ema Klabin.
Rua Portugal, 43 - Jardim Europa - São Paulo - SP - Brasil 01446-020
tel. 55 (11) 38973232 www.emaklabin.org.br

Curadoria Paulo de Freitas Costa

Pesquisa e produção Daniele Paro e Wipsley Mesquita

Restauração Carmen Rick

Comunicação visual Henrique Godinho e Livia Silva

Projeto gráfico e diagramação Livia Silva

Fotografia Henrique Luz e Isabella Matheus

Preparação e revisão Luiz Fukushiro

Impressão e acabamento Gráfica Eskenazi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837p

Costa, Paulo de Freitas

Porcelana europeia na coleção Ema Klabin / Paulo de Freitas Costa. -
1. ed. - São Paulo : Fundação Ema Klabin, 2018.
28 p. : il. color.

Catálogo da exposição "Porcelana europeia na coleção Ema Klabin", na
Casa museu Ema Klabin, de 01 de setembro a 18 de dezembro de 2018.
Disponível em versão eletrônica: <https://emaklabin.org.br>

1. Porcelana europeia: catálogos. 2. Coleção Ema Klabin: catálogos. 3.
Museu casa. I. Costa, Paulo de Freitas. II. Fundação Ema Klabin. III. Título.

RCBI CRB 8/9097

CDD 738.2094
CDD 708.98161

PORCELANA EUROPEIA NA COLEÇÃO EMA KLABIN

Como tantos colecionadores, Ema Klabin deixou-se seduzir pelo fascínio e sofisticação da porcelana, presente na decoração de todos os ambientes de sua casa. Desse conjunto, a porcelana chinesa de exportação possui o maior destaque, já que muitas peças pertenceram aos serviços trazidos por D. João VI em sua chegada ao Brasil em 1808.

Paralelamente, porém, Ema também reuniu uma representativa coleção de porcelana europeia, que abrange desde itens de colecionador até peças de caráter sentimental – compradas em sua juventude ou herdadas de sua mãe –, além dos serviços de uso efetivo nas festas e no dia-a-dia da casa. As peças de maior valor eram originalmente expostas em dois nichos no fundo da sala de jantar, cobertos por painéis de Mestre Valentim, enquanto as demais eram guardadas em um grande guarda-louças na passagem para a cozinha.

Esta exposição pretende inverter essa ordem ao ocupar os ambientes sociais da casa com uma seleção de 39 peças das manufaturas de Sèvres, Berlim, Viena, Meissen, Limoges e Coalport, entre outras, buscando narrar a fascinante história da porcelana europeia que, além dos aspectos estéticos e funcionais, muito pode nos revelar sobre o espírito de uma época, seus hábitos e costumes.

Xícara com tampa e pires.

Manufatura de Porcelana de Sèvres;
André Vincent Vieillard (pinturas).
Sèvres, França, 1765.
Porcelana policromada e dourada.

**Casal de pastores.**

Antiga Manufatura de Porcelanas de Volkstedt;
Georg Heinrich Macheleid (escultor).
Volkstedt-Rudostadt, Alemanha, c.1760.
Porcelana policromada e dourada.

**EUROPA**

A Europa também possuía, desde tempos pré-históricos, sua própria produção de artefatos cerâmicos, e a Coleção Ema Klabin conta com uma série de peças que traçam, pontualmente, o seu desenvolvimento. Partindo dos vasos cerâmicos e de uma figura feminina em terracota de Tânagra, da Grécia clássica, chegamos a uma jarra alemã em terracota impermeabilizada pela técnica de *saltglaze* que, apesar de datada de 1629, é representativa da produção do final da Idade Média em cidades do oeste da Alemanha.

A partir do século XV, os italianos começaram também a produzir peças em faiança, nome derivado da cidade de Faenza. A técnica havia sido introduzida pelos árabes em peças exportadas pelos portos do Mediterrâneo, como o da ilha de Maiorca, na Espanha, que resultou no nome maiólica, dado às faianças italianas do renascimento. Trata-se de uma louça de massa opaca e porosa que é revestida com esmalte branco de estanho, tornando-se apta a receber diversos tipos de decoração, com uma gama restrita de cores. Um exemplar da produção desse período na Coleção é um prato do tipo *istoriato*, criado em Castel Durante, no Ducado de Urbino, em 1551, parte de um grande serviço de mesa produzido pela oficina de Lodovico e Angelo Picchi.

As faianças logo começaram a ser produzidas em diversos pontos do continente e representavam a melhor produção europeia até a chegada das porcelanas chinesas, que viriam a dar início a um longo processo de imitação e de tentativas de se produzir peças de igual qualidade. A partir de 1650, a cidade de Delft destacou-se na produção de faiança com decoração azul e branca que reproduzia a decoração da porcelana chinesa inicialmente importada. Do outro lado, os chineses também tentavam adaptar suas porcelanas aos desenhos e formas que recebiam em suas encomendas, com resultados muitas vezes curiosos.

Candelabro com figuras de anjos e flores.

C. G. Schierholz und Sohn.
Plaue, Alemanha, c.1930.
Porcelana policromada e dourada.



ESTATUETAS

Uma das inovações iniciais da Manufatura de Meissen foi a criação de pequenas estatuetas decorativas representando animais, personagens da *commedia dell'arte*, além de camponeses e membros da corte, que logo se tornaram extremamente populares para a decoração de mesas e de ambientes femininos. Criações originais do escultor Johann Joachim Kändler (1706–1775), que assumiu o posto de mestre de Meissen em 1733, estas peças seriam logo reproduzidas por outras manufaturas europeias.

Da Coleção, destacamos uma figura de casal de camponeses produzida pela Antiga Manufatura de Porcelanas de Volkstedt, Turíngia, entre 1760-1787. Fundada por Georg Heinrich Macheleid (1723–1801) em 1760, essa manufatura ficou famosa por suas esculturas de pequeno formato, que aproveitavam ao máximo o fino detalhamento permitido pela porcelana. A Coleção conta ainda com outra peça dessa manufatura, de produção posterior

(c. 1910), que Ema Klabin trouxe da casa de seus pais, onde tinha lugar de destaque na decoração: uma carruagem real puxada por quatro cavalos. Também da Turíngia, o par de candelabros com figuras de anjos foi produzido na década de 1930 pela C. G. Schierholz und Sohn, fábrica criada por trabalhadores egressos de Meissen.

Completam esse conjunto, ainda, um tinteiro francês decorado com um casal de músicos em estilo rococó, de autoria desconhecida, um par de frascos de perfume em forma de camponeses, criado por Jacob Petit (1796–1868), em Paris, e um pequeno busto do escritor Voltaire, produzido em Sèvres entre 1884 e 1900. Baseado em uma escultura de Jean-Antoine Houdon (1741–1828), apresenta a porcelana em *biscuit*, ou seja, sem a cobertura de pintura e esmalte transparente, presentes apenas na base. A técnica foi criada em Sèvres em meados do século XVIII, oferecendo um novo tipo de material semelhante ao mármore branco, diferente das estatuetas multicoloridas de Meissen. O *biscuit* se tornaria muito popular no século XIX, como um meio de reprodução em série de esculturas.

Frascos para perfume em forma de camponeses.
Jacob Petit. Fontainebleau e Paris, França, c.1840.
Porcelana policromada e dourada.



CONJUNTOS DE CHÁ, CAFÉ OU CHOCOLATE

Ao longo do século XVIII, a introdução do consumo de novas bebidas quentes – chá, chocolate e café – levou à produção de inúmeras novas peças de porcelana que representavam a sofisticação e discernimento das classes abastadas que podiam dedicar-se aos novos hábitos. Ema Klabin adquiriu alguns pequenos conjuntos, denominados *tête-à-tête* ou *déjeuner*, que eram destinados ao uso em aposentos íntimos, durante a *toilette* matinal, quando as damas de sociedade recebiam visitas e fornecedores enquanto se arrumavam para o dia.

Entre estes, o mais importante foi produzido pela Manufatura de Sèvres em 1775, em porcelana de pasta mole com fundo verde e douração de Jean-Pierre Boulanger (ativo entre 1754 e 1784). As reservas são decoradas com cenas pastorais de jogos infantis pintadas por Charles-Nicolas Dodin (ativo entre 1754 e 1802), um dos mais célebres pintores de Sèvres, inspiradas no trabalho de François Boucher (1703–1770) ou Jean-Baptiste Huet (1745–1811). Este conjunto é um dos quatro encomendados por Christian IV, Duque de Pfalz-Zweibrücken, em 1775, logo após ter presenciado a coroação de Luís XVI. Parece ter havido um engano do dourador com o monograma do duque – “PZ”, que acabou resultando no “PN” visto nessas peças. Outro conjunto dessa compra, com pinturas de Jean Bouchet e fundo rosa, hoje se encontra no Victoria & Albert Museum.

O segundo conjunto traz uma decoração típica da fase inicial de Meissen, tomando como modelo as porcelanas japonesas Kakiemon, que tiveram popularidade na Europa no período em que a importação da China foi interrompida pela derrocada da dinastia Ming em 1644. O desenho, que ficou conhecido como “leão amarelo” (*gelber Löwe*), traz, na verdade, um tigre entrelaçado ao bambu olhando para um ramo florido de ameixeira, representando a coragem e astúcia do animal. Kakiemon é o nome dado



[acima]

Bandeja (Jogo para chá “leão amarelo”).
Manufatura Real de Porcelanas de Meissen.
Alemanha, século XIX. Porcelana policromada e dourada.

[abaixo]

Jogo para chá.
Limoges, França. 1928–1942.
Porcelana com decoração em decalque e douração.



à porcelana japonesa de fundo branco leitoso com delicada e esparsa decoração, feita na região de Arita e atribuída a uma dinastia de pintores com o nome Kakiemon, até hoje atuantes.

O terceiro serviço traz um dos mais populares padrões de Meissen: o “dragão vermelho Ming” ou “dragão da corte”, também inspirado em originais asiáticos. Criado originalmente para Augustus II, entre 1729 e 1735, é decorado, ao centro, com duas figuras de *fenghuang* (fênix asiática), que representam a imperatriz e a virtude. Nas laterais e bordas, figuras de dragão, representando o imperador e a força, perseguem símbolos budistas de sabedoria e iluminação: a roda da doutrina e a pérola flamejante. Esta decoração era de uso exclusivo da corte alemã até o final da monarquia, em 1918, e nas décadas seguintes – quando este conjunto foi produzido – tornou-se um grande sucesso de vendas.

Por outro lado, outras peças eram destinadas ao uso nos salões, para um número maior de convidados, como a chaleira com *réchaud* de Meissen, datada de cerca de 1760, que apresenta uma linguagem pictórica típica da manufatura alemã, inspirada nas cenas das pinturas de Watteau e nas frutas e flores que adornavam tecidos e papéis de parede da moda. O novo padrão europeu de pinturas com perspectiva gradualmente suplantou os modelos asiáticos e foi muito imitado pelas outras manufaturas europeias.

Apresentamos, ainda, um conjunto de chá produzido entre 1919 e 1934, em Limoges, que traz uma curiosa mistura de formas geométricas ligadas ao *art déco* com uma decoração em *transferware* de rosas vermelhas, típica de um período anterior. A cidade de Limoges, famosa pela sua antiga produção de objetos esmaltados, já produzia faianças simples desde a década de 1730. Após a descoberta de depósitos de caulim na região vizinha de Saint-Yrieix-la-Perche – que permitiu a fabricação de porcelana de pasta dura na França –, o conde d’Artois, irmão de Luís XVI, ali estabeleceu uma primeira manufatura. Após a revolução, com a perda da exclusividade de Sèvres, Limoges se tornaria um dos principais centros produtores da Europa, com a instalação de inúmeras fábricas.

Chaleira com *réchaud*.

Manufatura Real de Porcelanas de Meissen.
Alemanha, c.1760. Porcelana policromada e
dourada e bronze dourado.



Jogo para café ou chocolate (tête-a-tête).
Manufatura de Sèvres; Charles-Nicolas
Dodin (pinturas); Jean-Pierre Boulanger
(douração). Sèvres, França, 1775.
Porcelana policromada e dourada.



SERVIÇOS DE MESA

O primeiro serviço completo de porcelana europeia foi produzido em Meissen entre 1744 e 1745 e oferecido por Augusto III à imperatriz russa Elisabeth (1709–1762). Em um período em que os banquetes cada vez mais se tornavam um grande espetáculo simbólico, os serviços de porcelana logo se tornaram obrigatórios para toda a aristocracia e alta burguesia. Para a cuidadosa decoração de seus jantares, seguindo essa tradição, Ema Klabin contava com diversos serviços de porcelana europeia. Dois vieram da casa de seus pais: um produzido em Limoges, de 1903 a 1911, e outro da manufatura do Conde Harrach, adquirido em Karlsbad durante uma viagem com seu pai, em 1937. Com bordas vermelhas e douração com relevos, esse serviço seria posteriormente complementado por pratos semelhantes da marca Unic, de Limoges. Após a mudança para a nova casa, Ema ainda adquiriu um conjunto da marca alemã Rosenthal, de bordas lisas azul-cobalto.

Para o serviço diário, eram utilizados pratos de porcelana totalmente branca da Manufatura de Nymphenburg, Alemanha, de formato dodecagonal com bordas peroladas e relevo de folhas de acanto na base das xícaras. Essas peças, em estilo neoclássico, haviam sido originalmente desenhadas pelo escultor Dominikus Auliczek (1734–1804) para o Serviço Real da Bavária e estão em produção até hoje, como também o serviço de chá modelo “helena”, decorado com uma faixa de lírios estilizados em dourado.

Molheira do Serviço Limoges.

William Guérin et Compagnie.
Limoges, França, 1903-1911.
Porcelana com alto-relevo,
policromia e douração.



Xícara e pires, decorados com figuras de querubins.
Manufatura de Porcelana de Viena. Áustria, 1828-1830.
Porcelana com policromia e douração.



COLEÇÃO DE XÍCARAS

Ema Klabin também reuniu um pequeno conjunto de xícaras e bules que podemos dividir em dois grupos. O primeiro abrange peças de uso e formas específicas, como o pequeno bule com *réchaud* produzido em Berlim na primeira metade do século XIX. Denominado *veilleuse*, servia para manter o leite ou caldo quente ao lado de uma pessoa enferma, enquanto a lamparina fornecia um pouco de luz, útil ao acompanhante em vigília. Também destinada ao uso de pessoas doentes com tremores, a *trembleuse* – produto da fase inicial da Manufatura de Viena, possui um encaixe para evitar a derrubada da xícara e seu conteúdo. Era destinada ao consumo de bebidas lácteas quentes, como o chocolate, como também os dois conjuntos de xícaras com tampa, acompanhadas de prato raso, um inglês, do século XIX, e o outro de Berlim, possivelmente comprado por Ema na juventude, quando estudou na Alemanha.

O outro conjunto é formado por grandes xícaras já criadas como peças de coleção, destinadas mais à exposição do que ao uso. Essas *tasses de cabinet* são representantes do gosto inaugurado por Napoleão Bonaparte e desenvolvido durante o Segundo Império (1852–1870), em que o classicismo se unia a excessos nas formas e na douração, no estilo posteriormente associado às manufaturas de porcelana que se instalaram em Paris, que hoje denominamos *Vieux Paris*.

FUNDAÇÃO EMA KLABIN

DIRETOR-PRESIDENTE

Celso Lafer

DIRETORIA

Carlos Baucia | Inês Mindlin
Lafer | Roberto Faldini | Rubens
Monteoliva Peinado

CONSELHO

Fábio Nusdeo | Horácio Lafer
Piva | Israel Klabin | Luiz Olavo
Baptista | Marcelo Mattos Araujo |
Tercio Sampaio Ferraz Junior

CURADORIA

Paulo de Freitas Costa

ADMINISTRAÇÃO

Ana Maria Odélius | Taína Luz

ACERVO E PESQUISA

Daniele Paro | Wipsley Mesquita

COMUNICAÇÃO

Henrique Godinho | Lívia Silva |
Luiza Lorenzetti (estagiária)

EDUCATIVO

Cristiane Alves | Felipe Azevêdo |
Rosi Vieira | Aicha Viana
(estagiária) | Heloisa Foschini
Pajpak (estagiária) | Isabela
Gonçalves de Oliveira Silva
(estagiária) | Bruno Ribeiro de
Melo (estagiário) | Rebeca Ramos
dos Santos (estagiária)

CURSOS E PALESTRAS

Ana Cristina Moutela Costa

ARTES VISUAIS

Renê Foch

ESPETÁCULOS

André Sanches | Débora Lauand |
Thiago Guarnieri

RECEPÇÃO

Fabiana Gomes Ferreira

SERVIÇO DE APOIO

Ivonete de Sousa Pina
Nascimento | José Carlos Lima |
Nelson Medrado | Alexandro
Sousa Pina

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Cristina Aguilera - Mídia Brazil
Comunicação Integrada

imagem da 4ª capa:

Xícara e pires (trembleuse). Manufatura Imperial de Viena,
Claudius Innocentius du Paquier. Áustria, 1744-1785.
Porcelana com pintura e douração.



Fundação

—
Emaklabin
—

C A S A • M U S E U